

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

PROF. DR. HERMANN LAUTENSACH — *Interglaziale Terrassenbildung in Nord-Portugal und ihre Beziehungen zu den allgemeinen Problemen des Eiszeitalters.* — Extr. de «*Petermanns Geografischen Mitteilungen*», fasc. 9, Gotha, 1941.

O A. estuda a formação interglacial dos terraços do N. de Portugal nas suas relações com os problemas gerais dos períodos glaciários, tendo em atenção, principalmente, a parte do vale do rio Minho em que este rio serve de fronteira entre Portugal e Espanha.

Depois de analisar, minuciosamente, o estado actual das investigações relativas ao pleistoceno dessa região nos pontos de vista geológico, pré-histórico e climático, o A. passa a descrevê-los em profundidade e em extensão. Passa, então, a analisar o significado desses terraços nas suas relações com os achados pré-históricos, com os movimentos do nível do mar e do continente, bem como a expor o mecanismo do aparecimento dos sedimentos desses terraços.

O A. conclui afirmando que a mudança do nível de base, na região do rio Minho, não é a única causa da origem dos terraços de aluvião que aí se encontram; simultaneamente com os levantamentos e abaixamentos do nível do mar, é provável que se desse um levantamento contínuo da costa, que se pode seguir, a partir do Sul, desde o Pôrto ao Cabo Silheiro, diminuindo de intensidade à maneira que se caminha para o Norte até à zona de afundimento de Rias Bajas.

A. ATHAYDE.

J. A. SERRA — *O esterno nos portugueses. Caracteres métricos e morfológicos do esterno no homem* — «*Contribuições para o estudo da Antropologia Portuguesa*», vol. IV, fasc. 2.º, Coimbra, 1941.

O A. estudou minuciosamente, nos pontos de vista métrico e descritivo, 272 esternos de Portugueses adultos, dos quais 140

masculinos e 132 femininos. Os resultados obtidos conduzem-no a várias conclusões, entre elas: que, como era de prever, há diferença sexual sobretudo nas medidas de comprimento, por certo relacionada com a diferença de estatura nos dois sexos, não a havendo sensível nos índices; e ainda que não há diferenças raciais no ângulo esternal e nos índices, havendo-as, apenas, na frequência de alguns caracteres descritivos, e sendo as diferenças raciais, como as sexuais, mais sensíveis nas medidas de comprimento, também maior nas populações de estatura mais elevada, sem que haja proporcionalidade entre a diminuição do comprimento e a da estatura.

O A., que empregou cuidadosos métodos de observação e de apreciação estatística, lamenta o pequeno número de trabalhos estrangeiros com que pudesse estabelecer confrontos de resultados.

O A. estudou a espessura do esterno e as suas relações com algumas particularidades morfológicas, como as perfurações, que verificou não serem influenciadas por aquela no sexo masculino mas parecerem sê-lo no feminino. Não calculou, porém, qualquer índice de espessura, que, como dissemos numa breve notícia de alguns esternos portugueses, citada pelo A., talvez tivesse interesse antropológico. Se os nossos próprios resultados não fôssem baseados em séries muito pequenas (2 a 12 casos, segundo as medidas), e por isso, como escrevemos, sujeitos a reservas, poderíamos afirmar que a mulher portuguesa teria uma braquisternia mais acentuada do que o homem.

MENDES CORRÊA.

DR. BERTHOLD PFAUL—*Biometrie in der Rassenkunde*—Jena, 1938.

A destriça das raças que constituem um agregado populacional é, quasi sempre, muito difícil de fazer, se a composição étnica desse agregado fôr muito complexa.

Baseados no método estatístico, têm sido apresentados vários processos para fazer a análise étnica duma população mas os resultados colhidos até agora não têm sido muito animadores.

Nêste estudo, o A. baseia-se em experiências que fêz, misturando 3 espécies diferentes de feijões, depois de lhes ter medido as três dimensões. Depois de averiguar que as constantes obtidas através das seriações, nada indicam quanto à pureza das séries, apesar das respectivas curvas de frequência, nos seus valores modais, indicarem a existência de mistura de caracteres, o A.

serve-se das tabelas de correlação, em que substitui as frequências por superfícies, conseguindo assim separar as espécies, embora essas superfícies apresentem, por vezes, áreas, em parte, comuns.

Só depois de analisar os resultados obtidos com as 3 espécies de feijões, é que o A. faz aplicação do seu método às observações antropométricas que realizou na Turíngia.

Se, ao fazermos uma colheita de observações, atendermos aos caracteres pelos quais os indivíduos se distinguem melhor uns dos outros, parece que êste método muito auxiliará o investigador a estudar mais minuciosamente um agregado populacional no ponto de vista étnico, o que não era possível fazer até agora com os métodos propostos.

A. A.

ALEXANDRE SARMENTO — *A evolução demográfica da população branca de Angola* — «Africa Médica», n.ºs 9-10, 1941.

A comparação de alguns aspectos da evolução demográfica da população branca de Angola no biénio 1939-1940 com os da evolução das populações de Portugal metropolitano e das ilhas adjacentes, leva o A. à conclusão de que o índice de vitalidade é superior em Angola, embora tenha o ano de 1940 sido mais desfavorável para a situação demográfica da população branca daquela colónia.

Assim os índices de vitalidade nesta foram de 272,1 e 245,3 respectivamente em 1939 e 1940, ao passo que na metrópole foram de 170,0 e 115,5.

Estas conclusões são favoráveis à colonização branca ali. Nas províncias do sul da colónia (Bié e Huila) os índices foram, no biénio, de 356,5 e 304,4, ao passo que nas do norte (Luanda e Malange) foram de 173,1 e 256,2.

M. C.

Arquivos do Instituto Benjamim Baptista — Vol. VII, Rio-de-Janeiro, 1941.

Continua o ilustre anatómico da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio, Dr. Benjamim Vinelli Baptista, a dar à estampa as demonstrações do valioso labor desenvolvido nos vários departa-

mentos daquele Instituto. O presente volume dos *Arquivos* contém, além de trabalhos de anatomia patológica e técnica operatória, estudos de anatomia normal que interessam mais directamente a antropologia. Benjamim Vinelli Baptista, Baptista Neto, Luís Fortes Pinheiro, Alis Simão, A. Smitt, Garrofé Júnior e Brito e Cunha tratam de variações osteogénicas do neurocrânio e da grande fontanela, dum caso de microcefalia, do tronco cefálico, da ciclocefalia, das variações do condrocrânio, de variações musculares, etc. Relata-se neste volume dos *Arquivos* uma visita do ilustre anatomista argentino e nosso consócio, Prof. Pedro Belon, ao Instituto Benjamim Baptista, onde proferiu uma brilhante conferência sobre os resultados da cinematografia na interpretação anatómica.

M. C.

AFONSO DO PAÇO — *As grutas do Pôço Velho ou de Cascais* — Sep.^a do tomo XXII das «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 1942, 44 págs. e XLII ests. com 185 figs.

Síntese criteriosamente conduzida de tudo o que há conhecido das grutas de Cascais que foram escavadas em 1889 por Carlos Ribeiro.

O A. fez a revisão do material recolhido nas escavações e conservado no rico Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, e com orientação segura, tantas vezes manifestada noutros seus belos trabalhos da pré-história portuguesa, escreveu uma verdadeira monografia acerca daquelas três grutas ou furnas abertas numa escharpa da rocha cretácica na margem direita da ribeira de Cascais, grutas que além de tudo o mais, gozam da notoriedade da visita das maiores celebridades europeias no campo da pré-história, que vieram a Lisboa ao X.º Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica, e as foram ver no dia 28 de Setembro de 1880.

Notícia histórica, Diário das escavações, Indústrias, Antropologia, Fauna e Considerações finais, são os títulos dos 6 capítulos do trabalho.

Para se ajuizar da maneira metódica como o estudo foi conduzido vejam-se os títulos dos sub-capítulos das Indústrias, que são os seguintes: Indústria lítica, Indústria óssea, Indústria metálica, Indústria cerâmica, Objectos de adorno — contas e berloques — e Objectos a que se atribui significado religioso.

As grutas que constituíam uma necrópole de qualquer povoado eneolítico vizinho, bem merecem que o Município de Cascais as tome à sua guarda.

O espólio da gruta apresenta certas particularidades que o A. põe em destaque.

Assim, nenhuma outra estação portuguesa daquele tipo forneceu tão grande quantidade de machadinhas líticas espalmadas conhecidas pela designação de «herminettes» ou enxós.

Ao contrário do que seria de esperar, dentro do círculo cultural a que devem pertencer as grutas, há a ausência completa de vasos campaniformes ou fragmentos desse tão curioso e característico tipo de cerâmica eneolítica.

O conjunto do espólio das grutas, tais como cilindros de calcáreo e de osso, um crescente, placas de xisto, «herminettes», fragmentos de taça do tipo Alapraia e Palmela, etc., leva a enquadrá-las na chamada cultura do vaso campaniforme, e no entanto não forneceram sequer fragmentos do vaso que deu o nome à cultura.

Desenvolvendo o problema da cronologia das grutas o A. escreve: «As pontas de seta recolhidas, segundo a classificação de Nils Aberg, levariam a enquadrá-las, mais ou menos como Alapraia, no apogeu do eneolítico, a que já pertenciam as de Palmela».

E, como remate, aborda o problema não só da cronologia relativa mas também da cronologia absoluta, escrevendo:

«Atendendo à presença de metal em Cascais, seríamos tentados à sua colocação numa data cronológica que talvez seja posterior à das grutas de Alapraia. Mas, por outro lado, o espólio da gruta II desta necrópole recorda bem, como vimos, o das grutas de Palmela, e, segundo Bosch Gimpera e L. Pericot, a cultura de Palmela introduz-se no pleno eneolítico, ou seja 2.500 a 2.200 anos antes de Cristo».

SANTOS JÚNIOR.

AUGUSTO BOTELHO DA COSTA VEIGA — *A via romana de Lisboa-Alter-Mérida* — Sep. dos «Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses», Vol. V, Lisboa, 1941, 28 págs. 1 carta.

O A., com notável erudição, critério seguro de arqueólogo e sentido apurado de equilibrada análise dos pareceres emitidos por diferentes autores, aborda o estudo do trajecto desta importante estrada que, como realça, é de grande importância para a história

militar, pois como escreve (pág. 8) «tudo leva a crer que pela referida estrada veio a invasão almoada de 1184 e passaram, ora num sentido ora noutro, *colunas de combate e combóios castelhanos em 1384.*»

O mérito dêste trabalho está no ajuste ao terreno das distâncias dadas no *Itinerarium* de Antonino para os diferentes troços da estrada, cujas estações eram como é sabido, Aritio praetorio, Abelterio, Matusaro, Ad Septem Aras, Budura, Plagiaria e Emerita.

Depois de passar em revista as muitas referências que há à estrada em questão, e de discutir com critério as opiniões emitidas pelos autores que têm tentado localizar as estações referidas no itinerário de Antonino, tenta a localização de «Abelterium», «Matusarus», «Ad Septem Aras» e «Aritium Praetorium», que estabelece respectivamente, para a 1.^a a hodierna povoação espanhola a Oeste de Albuquerque, para a 2.^a o «monte» da Figueira (4 km. a S. E. de Arronches), para a 3.^a o outeiro da Azinheira Alta (entre Alter Pedroso e Alter-do-Chão) e para a 4.^a um local um pouco mais vago, «junto da actual carreteira de Ponte-de-Sor ao Tejo Velho, carreteira esta que justamente passa pelas origens da Ribeira de Alpiarça.»

Aborda ainda a localização de *Jerabriga* confirmando a opinião do Dr. Luciano Ribeiro que há anos a deu como correspondendo a Alenquer.

Ao contrário da opinião corrente que faz corresponder *Scalabis* a Santarém, emite a hipótese de localização de *Scalabis* cerca de Alcanhões.

Tôdas estas localizações foram realizadas em trabalho de gabinete sôbre cartas e com auxílio do curvímetro, e o próprio A. o diz, servirão «com base de futuras pesquisas no terreno.»

Oxalá que bem breve o A. nos possa dar confirmação das suas hipóteses, alicerçadas nas indispensáveis e indiscutivas provas colhidas na observação directa das respectivas regiões por onde deve ter passado a estrada de Lisboa a Mérida.

S. J.

ORLANDO RIBEIRO — Aglomeração e dispersão do povoamento rural em Portugal — Novembro de 1939; *Villages et communautés rurales an Portugal* — «Biblos», vol. XVI, Coimbra de 1940.

O labor desenvolvido pelo professor Orlando Ribeiro em vários domínios da geografia de Portugal tem conduzido a mar-

cados progressos nesses domínios, que muito lhe ficam devendo. Naturalmente, está fora do âmbito desta revista a análise dos estudos fisiográficos do jovem e distinto professor, mas os seus trabalhos antropogeográficos, especialmente os relativos à dispersão humana, ao regime social na vida rural e aos respectivos factores, é de directo interesse para os antropologistas.

No primeiro estudo o professor Orlando Ribeiro ocupa-se da aglomeração maior ou menor das habitações rurais no país, estabelecendo os tipos e principais variedades locais do *habitat* aglomerado, disseminado ou mixto no nosso território. Não omite uma justa referência a autores portugueses aos quais o assunto já mereceu alguma atenção, mas é inegável que se fica devendo àquêle professor a primeira sistematização geográfica ampla do assunto.

No segundo trabalho, comunicação apresentada à Associação dos Geógrafos Franceses, de Paris, o autor reúne vários elementos de grande interesse sôbre as comunidades rurais e as aglomerações campestres no nosso país. Depois de se referir ao regime de comunidade de exploração de baldios, de fornos, de moinhos, de lagares, etc., em vários pontos do país, como o Barroso, o Marão, o Gerez, etc., alude às interpretações que deram Poinard e Décamps, da escola da Ciência Social, e afirma que o *openfield* e a aglomeração aldeã parecem mais ligadas a factores de geografia física do que a influências históricas, embora reconheça que a evolução agrária no nosso país tem sobretudo «a marca da colonização romana» e que é «por intermédio dos modos de exploração do solo que deve procurar-se o reflexo das condições naturais nas formas do *habitat* rural.»

M. C.

W. KOPPERS — *Bhagwān, the supreme deity of the Bhils* — «*Anthropos*», t. XXXV-XXXVI, Friburg, 1940 1941.

Em 1938-1939, o A. visitou, no Oriente, algumas tribos primitivas da Índia Central, incidindo especialmente as suas investigações etnológicas sôbre os Bhils, que, em número de um milhão a um milhão e meio de indivíduos, habitam o noroeste daquela região, ou melhor o oeste dos montes Vindhya e Satpura que separam o Decão do norte da Índia.

Os Bhils são de origem certamente prè-ariana, mas falam hoje uma língua indo-ariana, uma variedade do Guzerate, com alguns resíduos não arianos. O A. diverge dos que filiaram os

Bhils entre os Munda ou entre os Drávidas. Para êle é um povo prê-Munda ou prê-Drávida, um povo primitivo «sui-generis». Neste trabalho estuda sobretudo a sua religião, as suas orações, as suas blasfêmias, os seus mitos e lendas da Criação, o seu mito do Dilúvio (que compara com outros mitos indianos do Dilúvio), os nomes da suprema divindade e de outros deuses (Bbagwân, Rama, Laksman, Zita, etc.), provérbios e adágios relativos à divindade, o culto de Bhagwân noutras tribos da Índia Central, origem indo-europeia e significação do nome de Bhagwân, etc.

Distinguindo-se dos Mundas e outros Indianos, os Bhils adoram um Deus «sui-generis», que não tem traços hereditários lunares ou solares como os dos outros indo-arianos.

Como é norma do ilustre director da *Anthropos*, êste trabalho é consciencioso, lúcido e profundo.

M. C.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira* — Vol. VI, Lisboa, 1942, 314 págs., 58 figs.

O A., etnógrafo abalizado e de reputação feita, juntou mais um volume à já brilhante série dos cinco até agora publicados sob o título genérico de «Etnografia da Beira». (Vid. T. S. P. A. E., vol. III, pág. 275 e 375; vol. IV, pág. 222. Pelo sub-título dêste 6.º volume que é «Lendas e romances, costumes, indústrias rurais, crenças e superstições, linguagem», já se pode ajuizar do grande interesse do mesmo pela natureza dos assuntos de palpitante valor etnográfico que nêle são tratados.

O A., beirão ilustre e apaixonado pelos encantos da sua provincia, prestou um óptimo serviço à sua terra e à etnografia nacional reünindo em volume uma rica colectânea de factos ligados à vida dos aldeãos beirões.

Um grande número de fotografuras, desenhos e esquemas valoriza a obra.

O último capítulo, subordinado ao título «Linguagem», é uma rica série de nada menos de 1.252 vocábulos e frases que constitui excelente e valiosa contribuição para o inquérito linguístico a que o Dr. Manuel de Paiva Boléo em boa hora meteu ombros.

Se é certo que um grande número daqueles 1.252 vocábulos são comuns a muitas outras regiões do país (tenho ouvido muitos dêles em Trás-os-Montes), não é menos certo que muitos dêles são dados a conhecer pela primeira vez.

Circunstância digna de registo e louvor é a distribuição dos mesmos vocábulos e frases por capítulos, consoante a natureza dos assuntos ou têrmos a que dizem respeito.

S. J.

ORLANDO RIBEIRO — *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra-da-Estrêla* — Sep. da «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», Lisboa, 1941, 99 págs., 6 mapas e 25 figs.

Com o mesmo seguro critério e inteligente orientação que tem manifestado em todos os seus trabalhos, o A. dá-nos no estudo presente o resultado das suas observações à cerca do problema pastoril da Serra-da-Estrêla nos seus múltiplos e importantes aspectos geográfico, económico e etnográfico. É sobretudo no que diz respeito a êste último que analisamos uma ou outra facêta dêste belo trabalho.

A descrição sóbria e precisa dum dia do viver do rebanho na Serra, feita nas págs. 41, 42 e 43, fêz-nos lembrar aquilo que temos visto por terras de Trás-os-Montes. Como é natural, à parte o menor número de cabeças de cada rebanho, tudo se passa de maneira semelhante. Ao que na Serra chamam *rodeio*, ou seja a imobilização do gado nas horas de maior calor, chamam no leste transmontano *acarrar* e é feito as mais das vezes à sombra das oliveiras, para que, ao mesmo tempo que o gado descansa e se defende do calor, estrume o olival.

A Trás-os-Montes, freguesia de Ribalonga, no concelho de Carrazêda-de-Ansiães, costumava, ainda não há muito, vir passar a invernada, pelo menos um rebanho de gado da Serra-da-Estrêla.

É rica a série de vocábulos registados pelo A. e pelos quais os pastores designam os gados, as fases da vida pastoril, os artefactos do fabrico do queijo, etc.

A fig. 24 onde em desenho esquemático o A. dá os utensílios usados para queijar, fêz-me lembrar o que tantas vezes vi em Trás-os-Montes. As mulheres transmontanas coalham o leite com a *coalheira* (estômago de cabrito juvenil sêco ao fumo). Na Serra a coagulação faz-se com cardo, que também era usado em Trás-os-Montes, embora menos do que a *coalheira*. O leite coagulado, *coalhada*, espreme-se com as mãos no *aro* (na Serra *acinho*) onde se vai modelar o queijo. Escorre no bico da *francela* (na Serra *francela* ou *barrileira*) o *sôro*. Êste é depois aquecido numa caldeira de cobre a lume brando. Sobrenado o *rebôlo*, massa dura que é retirada com a *escumadeira*. O *sôro* é mexido com um pau

cilíndrico, a *pateca*, até apurar à superfície o *requeijão* que está pronto depois de dar o *trambulhão*. Com a escumadeira tira-se o requeijão para as *requeijoeiras* de lata ou de barro. O que fica como resíduo na caldeira, chama-se *piralho* e é às vezes utilizado para dar aos cães ou aos porcos.

Não se esqueceu o A. de registar a nota folclórica, e assim a págs. 66 e 67 dá alguns quadros populares referentes a pastores e ao pastoreio e um romance de rústico e pecaminoso entrecho que tem como protagonista uma pastora.

Para que se possa bem ajuizar da importância e largo âmbito dêste trabalho daremos como remate desta notícia bibliográfica, os títulos dos seus diferentes capítulos, que são os seguintes: «A vida humana na montanha. Criação de gado e vida pastoril. Comunidades agro-pastoris. A Serra-da-Estrêla: quadro natural. A Serra-da-Estrêla: povoamento. Pastagens e gados. Os rebanhos na Serra. A internada. Outras modalidades de transumância. O pastoreio e a agricultura. O pastoreio e as indústrias. Uma aldeia pastoril: o Sabugueiro. A «Mesta» e a evolução da transumância em Portugal. Conclusão: significado geográfico do pastoreio na Serra-da-Estrêla». E em apêndices: «População e criação de gados nas freguesias da Serra-da-Estrêla. Sobre o mapa do povoamento. Nótula bibliográfica.»

S. J.